



OS ÍNDIOS PURIS DO VALE DA PARAÍBA PAULISTA E FLUMINIENSE

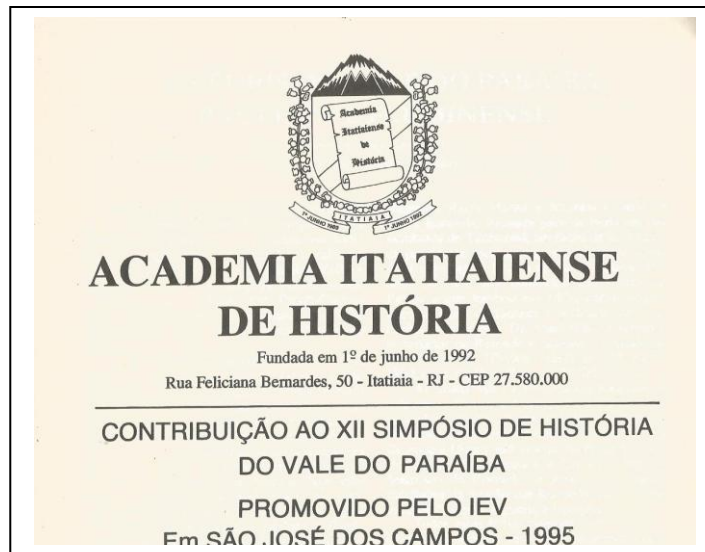
FHE **POUPEX**



Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO

Historiador Militar e Jornalista Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado- Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo ,Rio de Janeiro e Sorocaba. Foi o 3º vice presidente do IEV no seu 13º Encontro do IEV em Resende e Itatiaia que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras. É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende onde é titular da cadeira Conde de Resende e, Itatiaense de História, sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra. Serviu no Estado-Maior do II Exército 1976/1977 , atual CMSE Desde 1978 esta ligado a Resende onde foi instrutor de História Militar na AMAN. E onde desde 1980 possui casa no Bairro Jardim das Rosas em Itatiaia.

Digitalização de Artigo do autor publicado na Plaqueta abaixo da Academia Itatiaense para ser colocado em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br e cópia impressa no no acervo da FAHIMTB,doado a AMAN e em levantamento para o programa Pergamium de bibliotecas do Exército



OS ÍNDIOS PURIS DO VALE DO PARAÍBA PAULISTA E FLUMINENSE

CelCláudio Moreira Bento

(*) (Do IEV em Resende - Itatiaia)

Os Puris, os Coroados e os Koropós e mais os Araris, descendentes dos Koropós e dos Goitacás de Campos, foram os primitivos habitantes da região entre o Vale do Rio Paraíba e a serra da Mantiqueira, entre os caminhos Velho e Novo do Rio de Janeiro para Minas Gerais: Caminho Velho balizado por Parati-Cunha-Lorena-Garganta do Embau-Minas. Caminho Novo balizado pelo Rio de Janeiro-Paraíba do Sul- Minas.

Com abertura do Caminho Novo 1727-85, ligando as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, para por ela conduzir os quintos de ouro provenientes de Cuiabá, a salvo da ação de piratas, os índios citados começaram a buscar proteção no território entre o rio Paraíba e Mantiqueira paulista e fluminense. A onda povoadora do caminho Novo, no trecho entre Lorena (então vila da Piedade) e São Marcos (hoje submersa por represa do Ribeirão das Lajes) obrigou os índios em foco a se embrenharem, gradativamente na Mantiqueira paulista e fluminense, onde vão ser alcançados pelo Ciclo do Café no Vale do Paraíba.

Os Puris em parte terminaram sendo aldeados para catequese na aldeia de São Luiz Beltrão, em Resende, em 1782, por ordem do vice rei D. Luiz de

Vasconcelos (que emprestou o seu nome a aldeia-São Luiz), e em São João de Queluz, em 1801. Os Coroados foram aldeados em parte em N.S. da Glória de Valença em 1803 (homenagem ao rei D. José) e os Araris e os remanescentes Coroados de Valença, em Conservatória dos Índios, atual município de Conservatória e, em 1820.

Para o aldeamento e catequese dos Coroados em Valença concorrem 6 casais de puris da aldeia de São Luiz Beltrão (atual Fumaça), já com 15 anos de muito bem sucedido trabalho catequético, iniciado oficialmente com a criação da aldeia em 20 outubro 1788.

Além de Valença existiam Coroados em São João Marcos. Os Araris além de Conservatória povoavam parte das terras de Volta Redonda, Pirai e Amparo. Os Puris povoavam Lorena, Areias, Cruzeiro, Queluz, Itatiaia, Resende, Barra Mansa e Bananal e parte de Volta Redonda. Resende para os Puris era denominada de Timburibá, em razão de ser balizada por árvore secular com este nome que dominava a paisagem local e que se levantava altaneira, no local hoje conhecido como Alto dos Passos e que tombou em 1874, dando origem a lenda, misto de fantasia e realidade, do Timburibá, escrita pelo Dr. João Maia, o primeiro historiador de Resende e patrono da Academia Resendense de História criada em 28 março 1992. (Ver A LIRA, Resende 29 Set 1993).

As atuais vila da Fumaça em Resende, as cidades de Queluz e Valença e mais a de Conservatória, tiveram origem em aldeamentos para catequese de índios da família Coroados. Ou seja, Resende e Queluz aldeamento de Puris. Valença aldeamento de Coroados e Conservatória aldeamento de Coroados e Araris. Os últimos resultados da ligação dos Koropós com os Goitacás de Campos, segundo a tradição.

Todos estes índios viveram cerca de dois e meio a três séculos sem serem molestados pelo branco, na região em foco e somente por seus tradicionais inimigos, os ferozes Botocudos, conforme a tradição.

Com o advento do Ciclo do Café iniciado na região em foco e mais precisamente na região do aldeamento puri de São Luiz Beltrão, em Resende, ao final do século XVIII, as terras que ocupavam e que os sustentavam com a caça, a pesca e a colheita de frutos silvestres, tiveram muita procura, valorização e descaracterização para ceder lugar à cultura do café. Em consequência os índios que aí viviam foram se extinguindo por falta de proteção adequada, de espaço vital para as atividades de caça e de colheita de alimentos silvestres e mesmo de sua agricultura rudimentar, além de inadaptação ao sedentarismo das aldeias onde foram reunidos para a catequese e de vítimas das doenças dos brancos e do alcoolismo, como tem

acontecido via de regra com os índios do Brasil desde o Descobrimento, afora a miscigenação intensa brancos -índias.

Os Puris, objeto principal deste estudo foram encontrados também em Minas Gerais (ex-Diamantina) e no Espírito Santo. No exterior há referências de suas presenças no Paraguai, Bolívia, Peru, Venezuela, Guianas e Honduras.

Características dos Puris Segundo a **Enciclopédia Britânica do Brasil**, os Puris pertenciam ao tronco macro-jê e a família Coroados. Eram aparentados com os Timbiras, os Kayapós e Bororós. Eram irmãos dos Coroados e Koropós já mencionados.

A descrição mais precisa e documentada e abalizada sobre os Puris e de que se tem notícia, foi dada pelo culto padre Francisco das Chagas Lima, o primeiro vigário dos índios puris da aldeia de São João de Queluz. Isto após conviver com eles por um ano e três meses e registrar suas observações no **Livro de Tombo** (Histórico) da igreja local, aliás observações que Alfredo Moreira Pinto reproduziu em seus Apontamentos para o Dicionário Geográfico do Brasil.

Sintetizando o pensamento do padre Francisco das Chagas Lima, com o apoio em Paulo Pereira Reis em os "**Puris de Guapacaré:**"

“Os Puris de longo tempo ocuparam entre a Mantiqueira e o rio Paraíba, um retângulo de matas de 6x2 léguas. Suas residências são cabanas ligeiras. Seu alimento principal era a caça e pouco plantavam. Usavam somente tangas ("panos de castidade"). Pintavam o corpo de vermelho e usavam plumas nos ombros e cabeça. Desconheciam leis. Não respeitavam qualquer sujeição e poder temporal. Os filhos não mantinham obediência aos pais, conforme a razão natural prescreve. Acreditavam em Deus, mas não o cultuavam. Acreditavam na imortalidade da alma e que todos ao morrerem, justos ou pecadores, iriam para o céu. Por esta razão colocavam no túmulo dos mortos uma escada para que subissem ao céu. Não comerciavam com os brancos que consideravam inimigos e só com os outros índios. Eram chamados Puris ou Puckis que na interpretação deles significava gente mansa ou tímida, como em realidade eram. Não se conhecia fato algum de um puri que haja matado um branco. Quando os brancos embrenhavam-se na mata para colher a planta medicinal - poaia, ao encontrarem Puris estes se punham a correr, arriscando-se furtivamente a apanharem para seus usos as ferramentas dos brancos. Embora não possuíssem ferocidade comum a outros selvagens, ninguém ousava chegar até seus

alojamentos para os persuadir, removê-los e obrigá-los a deixar sua barbaridade (vida selvagem). Isto em razão de serem vistos armados de arco e flecha e temer que ciosamente defendessem seus domínios.”

Como se ve não procede a tradição de ferocidade, periculosidade e até da canibalismo dos Puris, que vez por outra se depara em alguns escritos fantasiosos, como a explicar o combate aos mesmos ou a tolerância no extermínio deles.

Entendemos que a violência e ferocidade de índios em Barra Mansa, Volta Redonda, Resende e Itatiaia, que determinaram, inclusive, a organização de uma força militar para afugentá-los da região, se deva a invasões de índios Botocudos que incursionavam provenientes de Minas, Barra Mansa, Volta Redonda, Quatis, Resende Itatiaia e a Valença atuais, atemorizando e espalhando o terror entre os Puris e Coroados, após haverem praticados tropelias e violências do outro lado da Mantiqueira, conforme assinalamos em artigo sobre o Tenente General Joaquim Xavier Curado no IHGB **Jornal de História e Geografia**, nov/dez 1992.(General Joaquim Xavier Curado, hje patrono de cadeira especial da FAHIMTB distribuida a AHIMTB Resende Marechal Mario Travassos).

De outras fontes da História confiáveis colhemos que os Puris eram nómades, coletores, polígamos, bronzeados e de baixa estatura, o que daria origem a outra interpretação da palavra ***“puri como gente miúda”***. Suas casas eram provisórias e de duração efémera. Consistiam de cobertura de galhos e folhas sustentadas por 4 varas, tipo meia água. Não usavam redes para dormir. Faziam suas camas direto no solo, após ligeira escavação. Com o uso, o solo ficava lustroso com o suor e gordura que desprendiam de seus corpos. Faziam largo uso da taioba, da imbirá, da taquara e do bambu. Sua língua do grupo macro-jê, foi preservada em parte por Alberto Torrezão em Vocabulário Puri na **Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro**.

Eles apreciavam a dança e eram hábeis no uso do bodoque, um arco especializado em atirar pedras na caça e na guerra. Seus inimigos tradicionais no Vale do Paraíba eram os Botocudos.

O Governador de São Paulo Diogo de Vasconcelos, em carta de 13 de outóro de 1775, descreveu os Puris como ***“índios tímidos, medrosos e covardes, não havendo o que temer deles.”***

O pároco de Paraíba Nova (atual Resende) poucos dias antes do governador citado, havia informado a este o seguinte sobre os Puris que habitavam Resende, Quatis, Barra Mansa, Volta Redonda e Itatiaia atuais:

"O local é dos mais infestados de puris. Peço recomendar ao padre Oliveira que cuide da redução dos mesmos, quando andar pelo local ou estiver em sua fazenda ali. E, que em sua ausência faça a mesma recomendação aos seus empregados e escravos para que não os maltratem. E pelo contrário, quando aparecerem por lá lhes façam sinais de paz e de amizade.!"

O padre Carvalho fazia 8 anos que dirigia a freguesia de N. S. da Conceição da Paraíba Nova (atual Resende). Conhecia bem os Puris e a índole pacífica e tímida dos mesmos, fato que o governador de São Paulo, a que Resende então estava subordinada, conheceu por seu intermédio. O padre Francisco Chagas Lima, de Queluz, confirmaria 26 anos mais tarde a índole pacífica e tímida dos puris, mencionada pelo padre Carvalho e pelo governador de São Paulo citados. Como se verá o pároco de Resende foi um grande defensor dos puris do Campo Alegre.

O aldeamento dos puris em Resende (Vila da Fumaça)

Em 1782 o vice rei D. Luiz de Vasconcelos determinou ao Capitão de Infantaria Joaquim Xavier Curado, do atual Regimento Sampaio, no Rio para liderar fazendeiros e moradores de Resende e com eles organizar uma força para reprimir uma onda de índios bravios que invadira a região do sertão do Campo Alegre, atuais, Volta Redonda, Barra Mansa, Quatis, Resende e Itatiaia. Segundo Pretextato Maciel em **Generais do Exército Brasileiro**. Rio, M. Ex. 1905. vJ, ao biografar o Tenente General Joaquim Xavier Curado e com apoio em fontes primárias e alterações militares do citado militar este recebeu a seguinte missão do vice rei:

"Reprimir com o maior rigor, antes que se tornem mas prejudiciais, as incursões que uma horda de índios bravios vem fazendo nos sertões do Campo Alegre, assolando fazendas que saqueiam e atacam e matam todos que lhes caiam as mãos. Assim, a maior parte dos fazendeiros do Campo Alegre que possuem fazendas ao norte do rio Paraíba (margem esquerda), as abandonaram por não possuírem forças capazes de lhes enfrentar. Isto permitiu a estes índios passarem ao sul do rio (margem direita) onde praticaram hostilidades e depredações..."

Portanto concluo que eram hordas de índios ferozes e violentos que se infiltraram nos atuais municípios de Volta Redonda, Barra Mansa, Quatis, Resende e Itatiaia e não os Puris, cujo perfil, até agora traçado com apoios em fontes primárias citadas, não coincide com a descrição dos índios acima, seguramente Botocudos.

Conclui-se por outro lado que não foi sem perigo e riscos a vida dos primeiros povoadores de Volta Redonda, Barra Mansa, Quatis, Resende e Itatiaia, a deduzir-se da ordem do vice rei transcrita. E o que foi desempenho da missão do Capitão de Infantaria Xavier Curado, Pretextaco Maciel cita esta fonte:

Conseguiu Capitão Joaquim Xavier Curado salvar os moradores e fazendeiros do Campo Alegre. Ele restabeleceu a paz e a tranquilidade de que os povoadores do Campo Alegre se achavam privados, com toda a prudência e moderação. Ele empregou um corpo de tropas que formou com diversos moradores para diligências que fossem necessárias, para rechassar os que se tornassem indomáveis. E sem fazer estragos, por só haver recorrido a meios de aterrar (amedrontar) conseguiu afugentar os rebeldes para fora do sertão do Campo Alegre (abrangia os atuais Itatiaia, Resende, Quatis, Barra Mansa e Volta Redonda de um modo geral), aonde não mais apareceram. Congregou os puris que os índios ferozes haviam dispersado, que concordaram formar uma nova aldeia no local que habitavam denominado Minhocal (Fumaça atual, Resende) onde por longos anos se conservaram, sob a inteligente direção do padre Henrique José de Carvalho! (pároco de Resende por 22 anos 1767-1789).

Pelo feliz desempenho desta missão o capitão Xavier Curado foi citado em relatório de passagem do Vice Reino do Brasil para o Conde de Resende, o criador do município de Resende em 1801. O capitão Curado, comissionado em major, distribuiu terras aos puris em Minhocal que seria chamado após, sucessivamente, São Luiz Beltrão, São Vicente Ferrer e atualmente Fumaça, em razão da belíssima cachoeira lá existente com este nome. Foi nas proximidades desta aldeia que teve início, por esta época, com o padre Couto, o **Ciclo do Café no Brasil**. Xavier Curado após realizou brilhantíssima carreira militar que culminou com sua atuação relevante no Dia do Fico, após marcante ação em prol da Integridade do Brasil no Sul 1801-1821, conforme assinaei em artigo - Herói filho de Goiás, da Integridade e Independência do Brasil. **Folha de Goyaz**, Goiânia, 13 junho 1972, que foi transcrito nos Anais da Assembleia Legislativa de Goiás.

Foi após esta missão a frente primeiros moradores de Volta Redonda, Barra Mansa, Quatis, Resende e Itatiaia teve início sua brilhante carreira que incluiu o comando da **Escola Militar na Casa do Trem**, antecessora da AMAN de 1792-1810.

Por estas fontes não se confirmam os massacres que algumas fontes não primárias registram e que inclusive mencionam a fantasia de o rio Paraíba haver se transformado num rio de sangue de índios massacrados.

Os padres protetores dos puris do Campo Alegre

A aldeia de São Luiz Beltrão por cerca de 36 anos teve um bom desenvolvimento, sob a proteção ferrenha dos párocos da atual Resende: Henrique de Carvalho, José Antonio Martins de Sá e Francisco Xavier de Toledo. Este dirigiu superiormente a aldeia como seu capelão de 1788-1816, com o auxílio de cacique puri Mariquita. Com sua saída iniciam as dificuldades. Ele era amado pelos puris e faleceu em Resende em 27 de maio de 1820, tendo sido sepultado na Matriz de N.S. da Conceição, ao lado do padre Carvalho. Este até hoje foi o recordista na direção dos negócios de Resende, então o imenso Campo Alegre e que foi pároco dedicado por 22 anos, de 1767-89, e que em realidade estruturou a Vila de Resende, então Paraíba Nova, a qual conseguiu que fosse desligada de São Paulo e subordinada ao Rio de Janeiro, em razão de política e interesses da época haverem desviado de Campo Alegre para São João do Barreiro, o **Caminho Novo, Rio-São Paulo**, para o qual muito se empenhara e a freguesia. Foi um grande benemérito dos atuais Volta Redonda, Barra Mansa, Quatis, Resende e Itatiaia, mas que até hoje não teve o reconhecimento devido como o nome de uma rua próxima da Via Dutra Em realidade seu antigo sonho que consistia na ligação Rio-São Paulo passar por Resende e pelo restante do Campo Alegre, que o Caminho Novo e após a antiga Rio-São Paulo deixou á margem. Sonho que esperou 165 para se concretizar na BR-116, ligando Rio-São Paulo por Volta Redonda, Barra Mansa Resende e Itatiaia.

O padre Carvalho foi o segundo vigário de Resende, que na época incluíá os, atuais Barra Mansa, Volta Redonda, Quatis e Itatiaia.

Itamar Bopp o estuda bem como os outros citados em **Notas genealógicas e históricas**. São Paulo, s/ed, 1987. Refere a luta destes padres, não só em defesa dos puris aldeados como dos que viviam em liberdade no Campo Alegre. Sobre o padre José Martins refere - "**este padre viajava muito e, seguidamente era autor de brigas contra a correria de predadores de índios...**"

Preia (captura) ocorrida ainda imediatamente antes da Independência. Lamentavelmente as fontes que Itamar Bopp cita sobre o padre Carvalho lhe são adversas, por partirem de opiniões cujos interesses contrariam ao defender os de sua freguesia, como os que apontei e que resultaram no desvio do Caminho Novo do Campo Alegre, então balizado pela atual Resende.

Evolução dos Puris

Em 1821 existiam na aldeia da Fumaça 120 puris. Em 1835 ficaram reduzidos a 63. Em 1840 segundo o juiz de paz de Resende existiam no município 635 puris, incluindo os aldeados da Fumaça. Em 1834, relatório à Câmara de Resende, do curador de índios aldeados António Teixeira Ferraz, escreveu entre outras coisas.

"Estão em suas terras dadas pelo capitão e depois tenente general Joaquim Xavier Curado 48 índios, dos quais 35 são bugres legítimos e 13 são misturados. As 15 mulheres são casadas ou ajuntadas com os brancos caboclos daqui e tem 75 filhos nascidos na aldeia!'"

Portanto, a se concluir do relatório, existiam 138 pessoas na aldeia em índios, mestiços e crianças. Em 1857 já eram 133 mestiços na aldeia. Em 1865, ano do início da Guerra do Paraguai, morreu na Santa Casa de Resende o último puri, assim considerado por cronista da época, cujo nome era **Vitoriano Santará**. Era figura popular! Morreu centenário e cultuando a tradição puri, da qual muito se orgulhava. Nem todos os puris foram aldeados, como foi o caso de Santará. Muitos foram apanhados no Mato como registram batismos e inventários do século passado, em Resende e escravizados por fazendeiros e sob a observação **"apanhado no mato."** Sob a abordagem por vezes de violências dos puris contra Simão da Cunha Gago e seus acompanhantes na expedição descobridora e fundadora em 1744 de N. S. da Conceição do Campo Alegre e Paraíba Nova (atual Resende) há 250 anos passados, não se tem referências que a expedição fundadora de Resende tenha tido objetivos de preia (captura) de índios conforme insinuaram algumas fontes ou que a intenção de conquista de índios era para camuflar o objetivo de abertura de um caminho direto para o contrabando do ouro para o litoral, considerações sem fontes primárias e comprová-las ou negá-las e que o historiador dr. João Maia aborda em sua **História de Resende**.

Enfim, os puris desapareceram do Campo Alegre e vivem no sangue que corre na veias e resendenses, itatiaenses, quatienses, barra-mansenses e voltaredoneses.

Lembro que o bancário intelectual resendense Altamiro Pimenta orgulhava-se de possuir sangue puri. Eles vivem ainda nas lendas do Timburibá de Resende e da índia deitada de Itatiaia.

As terras dos puris que a eles foram doadas na Fumaça pelo tenente general Xavier Curado e seguiam pela estrada de acesso ao rio Preto entre ribeirões Preto e Grota. Em 1845, segundo o Curador de índios citado, os

moradores da Fumaça solicitaram à Câmara de Resende posse das terras da **Aldeia Puri** (a reserva original). A Câmara não atendeu o pedido em razão da Aldeia Puri estar sob a jurisdição do Império. As pressões se fizeram fortes e as terras foram silenciosamente passando para outras mãos, num processo de difícil reconstituição.

Mas em realidade foi, como se verá, o aldeamento que mas resistiu de todos os que existiram na área do rio Paraíba em foco. Durou mais de meio século, graças a proteção que lhe foi dada por três párocos de Resende e ao fato de ficar em lugar afastado de importantes vias de comunicações.

A aldeia Puri de Queluz-SP

O aldeamento do puris em Queluz, e que deu origem a esta cidade, foi ordenado em 27 de janeiro 1798 à Câmara de Lorena pelo Capitão-General de São Paul, Antônio Manuel de Melo Castro e Mendonça, como decorrência de ordem para o povoamento do território que ia de Lorena até Resende atuais. A referida ordem mencionava:

:" a) afugentar os índios do local (os puris), b) desenvolver a lavoura e como consequência, o aumento da arrecadação de impostos, c) abrir uma estrada no meio do território em foco e nele conceder sesmarias de no máximo meia légua, para que os moradores conservem a estrada em bom estado, d) escolha de terreno no meio do território para uma povoação e próximo duas léguas para os puris mansos cultivarem e plantarem, desde que queiram viver em boa paz e sociedade)!"

Foi esta ordem que originou a fundação de Queluz, onde os puris que viviam no território foram aldeados em operação, ao comando do Capitão de Ordenanças de Lorena, Domingos Gonçalves Leal. Este inicialmente preiou 7 puris que remeteu ao governador de São Paulo Antônio Manuel. Depois preiou mais 10 puris e entre eles o velho Vuti, apelidado Mongo. E este concordou com sua proposta de atrair os demais puris para serem aldeados, com a condição de serem bem tratados. Então Vuti conseguiu atrair 86 puris entre homens e mulheres e crianças que foram reunidos no local da atual cidade de Queluz. Sobre esta operação de aldeamento dos puris em Queluz atual, escreveu o citado padre Chagas Lima e 1º pároco dos índios puris aldeados em Queluz:

"Os puris depunham as armas e se rendiam pacificamente. Desse modo, sem haver sangue nem perda de pessoa alguma, se conseguiu a conquista destes selvagens."

Queluz foi fundada como aldeamento puri em 11 fevereiro 1801, por ato do governador e Capitão General de São Paulo Antônio Manuel Mello Castro e Mendonça e foi empossado o seu 1º vigário em 12 de maio do mesmo ano - o padre Francisco das Chagas Lima que a dirigiu **"de modo incansável, excessivo zê-lo e ardente caridade"**, deixando no livro de tombo de Queluz o importante depoimento caracterizador dos puris do Vale do Paraíba.

Em 1817 von Martius passou por Queluz e deixou esta impressão:

"Na vizinhança de Areias acha-se atualmente uma insignificante aldeia de índios em parte exterminados ou misturados com negros e mulatos. Vivem meio incultos espalhados entre os colonos."⁷

Segundo o grande historiador valeparaibano Paulo Pereira Reis, que estudou bastante os puris em **"Os puris de Guapacaré e algumas achegas à História de Queluz"** os puris eram **"nômades por excelência, inadaptações à organização social portuguesa e as atividades agrárias, passavam privações e viviam em estado de lastimável miséria. Não conseguiam suportar a vida sedentária da aldeia e viviam o dilema da vida errante dos sertões ou a morte prematura."**

Segundo Teodoro Sampaio **"os puris em vida sedentária eram presas fáceis de pleurisias, câmaras de sangue, afecções catarrais e do co-breio!"**

Segundo a tradição, a aldeia puri de Queluz entrou em decadência após deixá-la o padre Chagas Lima seu 1º pároco. Em 1821 a aldeia contava com 33 puris e foi extinta de fato em 22 maio 1822, antes da Independência. O próprio Vuti que foi fundamnetal para o aldeamento de Queluz a abandonou e voltou para a mata.

No ano da abdicação de D. Pedro I ao trono do Brasil restavam na antiga aldeia só 6 puris, já com os nomes tais como Anacleto, Bento, Antônia, Ignez e Lorença. Queluz pois teve origem na aldeia puri de 1801.

As aldeias indígenas de Valença

Foram encarregados pelo vice rei D. Luiz de Vasconcelos de aldeiar e catequisar os índios que habitavam a atual região de Valença, o Capitão Inácio da Silva Werneck, o fazendeiro José Rodrigues da Cruz e o padre Manoel Gomes Leal.

O aldeamento iniciou em 1803 no local onde hoje se ergue a cidade de Valença, nome dado em homenagem as ligações do rei D. José de Portugal com a cidade de Valença, na Espanha. Concorreram para este trabalho de aldeamento e catequese 6 casais de puris aculturados enviados da aldeia de São Luis Beltrão (atual) Fumaça, em Resende.

Os índios ali aldeados foram Coroados da mesma família de Puris de Resende e Queluz. Coroados por cortarem os cabelos no alto da cabeça, lembrando o corte uma coroa. Eles viviam atemorizados com incursões de índios de Minas Gerais, possivelmente os Botocudos.

Os coroados aldeados em Valença, com a morte em 1812 de seu diretor José Rodrigues da Cruz, dono da fazenda Ubá, no 3º distrito de Valença **"ficaram no desamparo, foram perseguidos pelos colonizadores e dizimados pela varíola, doenças venéreas e alcoolismo"**, segundo Claudiro de Lima Paranhos em **Conservatória- Notícias**, para fugir a destruição total teriam em parte migrado para as matas de Coíservatória atual. Ali, em 1820, fora demarcado para os Coroados migrados de Valença e outros que lá se encontravam, uma légua quadrada de terras. Estas foram em 1827 requeridas pela Câmara de Valença e aforadas a posseiros. Em 1839 a Santa Casa de Valença solicitou para si estas terras dos índios de Conservatória, com o compromisso de em contrapartida prestar aos índios assistências hospitalar e de instrução.

Segundo o historiador citado não mais existe em Conservatória descendentes dos coroados e dos araris que ali foram aldeados em 1820.

O nome do município Conservatória, que alguns ligam a alguma atividade musical que ali teria existido, deriva da expressão Conservatória dos índios, uma espécie de reserva indígena.

Algumas conclusões

1 - A reserva que mais durou foi a de Resende (Fumaça) mais de 80 anos. As reservas de Queluz cerca de 21 anos a de Valença cerca de 10 e a de Conservatória cerca de 7 anos.

Que puri em sua língua significa **"gente mansa ou tímida,"** que não eram ferozes, não atacavam os brancos quando muito, por desconhecerem o direito de propriedade, subtraíam gêneros alimentícios das lavouras dos colonos ou suas ferramentas de trabalho.

2 - Que as invasões de índios ferozes em Resende por volta de 1780, foram de índios seguramente Botocudos, que necessitaram para sua expulsão do território, da organização de uma força militar com fazendeiros e moradores da

região do Campo Alegre, a cargo do Capitão de Infantaria do atual Regimento Sampaio do Rio, Joaquim Xavier Curado, mais tarde o herói do **Dia do Fico**.

Fora seguramente integrada por pioneiros, de Volta Redonda, Barra Mansa, Quatis, Resende e Itatiaia.

Fontes consultadas

A presente interpretação referencial se apoia na consulta e interpretação das seguintes fontes:

- 1 - BENTO, Cláudio Moreira, A Saga da Santa Casa de Misericórdia de Resende. Rio, SENAI, 1922.
- 2- _____. O distrito da Fumaça em Resende, Folha Regional, Resende, 1992.
- 3- _____. Um filho de Goyaz herói da independência e da integridade do Brasil. Goiânia Folha de Goyaz. 13 junho 1972.
- 4- _____. Há 250 anos nascia o ten gen Joaquim Xavier Curado. IHGB - Jornal de História e Geografia. Nov/dez. 1992.
- 5- _____. Lenda resendense do Timburiba, distribuída pela Fac. D. Bosco de Resende em 1993, na Academia Resendense de História e em a **Lira**, Resende, 29 set. 1993. Em parceria com jornalista Virgínia Calais Arbex.
- 6- BOPP, Itamar. **Quatro personagens resendenses**. São Paulo, 1988. (Notas genealógicas e históricas, p. 212,220,222,227,228)
- 7- _____. IDEM. **Resende cem anos de cidade 1848-1948**. São Paulo. 1977 (p. 32, 39,52,53)
- 8- ENCICLOPÉDIA BRITÂNICA DO BRASIL. Verbetes sobre os Puris.
- 9- ELIS, Bernard. O Marechal Xavier Condo criador do Exército Nacional. Goiânia, Ed. Oriente, 1977. p. 40
- 10-- MAIA, João, **Notícias históricas e estatísticas de Resende**. Rio, Tip. Gazeta de Niterói. 1891.
- 11- _____. **Do descobrimento do Campo Alegre até a criação da vila de Resende**. Resende. 1885. 2 ed.
- 12- MACIEL. Pretextato. **Os generais do Exército Brasileiro**. Rio MG, 1905.
- 13- PARANHOS, Cláudio de Lima, **Conservatória Notícias**, Niterói, UFF, 1981.
- 14- PINTO, Alfredo Moreira, **Apontamentos para o dicionário, geográfico do Brasil**. Rio, Imprensa Nacional, 1899.

- 15- REIS, Paulo Pereira dos. Os puri de Guapacaré (Lorena) e Achegas a História de Queluz. **Revista de História** nº 61, São Paulo, 1965.
- 16- REVISTA ACIAR. Conquista e dizimação de um povo e o último puri. Resende, ago/set 1987. p.7 e out 1988, p.4.
- 17- ROCHA, Alexandre Mendes. Quem eram os puris? (memória inédita consultada pelo autor cedida pela jornalista Virgínia Calais Ârbex).
- 18- SILVA, Joaquim Norberto Souza. Memória histórica dos aldeamentos de índios da província do Rio de Janeiro. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. 1854.
- 19- TORREZÃO, Alberto, Vocabulário Puri. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, t.52.1889.

Até o presente os estudos mais profundos sobre os puris no vale do Paraíba Paulista foi de Paulo Pereira Reis e no Vale Fluminense de Alexandre Mendes Rocha.

(*) Membro das Academias de História de Resende e Itatiaia

COLABORAÇÃO DA GAZETILHA
AO SIMPÓSIO DE HISTÓRIA DO VALE DO PARAÍBA



Rua Misael Mendonça, 167 Telefax (0243)
42-0514 - Tel. (0243) 42-2855 Volta Redonda -
RJ - CEP 27.295-600